SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
◆
SETEMBRO
DE 1971
◆
N.º 317

Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

O CAVALEIRO AMARELO

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Mesmo de entre quem não haja lido o misterioso livro com que se encerra a Bíblia, o Apocalipse, muitos haverá que têm ideia dos Quatro Cavaleiros aí descritos (no capítulo 6), porque a literatura ocidental se lhes tem referido, *v. g.* Blasco Ibañez. Os quatro cavaleiros e suas montadas, o cavalo branco, o vermelho, o preto e o amarelo, como o texto claramente o diz, são símbolos de quatro ambientes ou crises históricas, primeiro a *Vitória*, com sua paz, depois a *Guerra* que se lhe opõe, em terceiro lugar a *Fome* que a guerra provoca e por fim a *Peste*, procedente das outras calamidades, nomeadamente da fome. E que fome? perguntarão os espíritos inquiridores. Em meu juízo, a intuição profética de João, o Presbítero, último Mártir do primeiro Colégio de Jesus, vê o que Deus, fora do tempo, está vendo em todos os tempos, e além do espaço vê em todos os espaços; em todos os gestos e actos, em suas causas e consequências. Assim, a peste, a morte imanente e congénita e contagiosa, fruto e semente da guerra e da fome, é a Poluição, de que só recentemente os sábios, ou melhor, os cientistas se dão conta, e a Droga que desde o ovo do Vício é chocada pelo Tédio e desenvolvida pela Inconsciência...

(Note-se que, não escrevendo os nomes das pessoas com inicial minúscula, por julgar isso um hábito importado e tolo, dei aqui maiúsculas, personalizando-os, aos males que a todos nos assolam e molestam).

Entendo que a Poluição é também, de certo modo, Droga: sendo o envenenamento do ar e da água, é a negação do amor do próximo e a hipertrofia da ambição. Também toda a falência de civismo, por exemplo pelo abuso da fala, é droga, é peste moral de que é necessário precavermo-nos. Tudo fruto do amor próprio e da vista curta.

A Peste pode ser, se não é sempre, endémica ou epidémica, conforme as suas manifestações. E de tantos trajes se serve, na «feira das vaidades»! No abuso do grande privilégio da fala, ela é a meia-verdade, o boato gratuito, lançado por quem «bebe do fino», o julgamento apressado onde o suposto réu está ausente e o juiz o é de opereta.

O famoso autor de «O Peregrino» (o pai dos *best-sellers*) conta-nos que, ao ver um grupo de «mulheres de soalheiro», das que conversam ao sol, se aproximou esperando ouvir coisas repreensíveis, isto é, o que em linguagem popular se diz «dar à língua» e «dar ouvidos». Afinal, com grande surpresa sua, concluiu que trocavam entre si bons testemunhos, de simpatia e piedade. Que *soalheiro* bendito! Exemplo de vitória sobre a intriga, sobre o boato inconsciente, a calúnia malévola, a insinuação cobarde, enfim o veneno da língua sem freio de que falou o Salmista, e S. Paulo lhe fez eco; e Sant'Iago repetiu enojado.

*

Desde que Carlos Marx (se não foi Lenine) acusou a religião de ser «o ópio do povo», inscrevendo-se a máxima insidiosa nos muros da Praça Vermelha, e desde que tais ideias se vão infiltrando na massa humana, é que esta massa afinal usa mais ópio, mas ópio mesmo e seus derivados ou semelhantes. Ora bem comprovado é, pelos calhamaços da História Universal e pelas frágeis folhas do jornal de hoje (isto é, a efeméride e o efémero) a fé equilibrada e penetrada pelo impulso de todas as faculdades do ser, e informada por todos os sucessos da vida, essa a que Jesus Cristo chamou «a fé de Deus» (V. Marcos 11, 22) é o

Continua na pág. 3

MAIS ALTO! CADA VEZ MAIS ALTO!

E o XIV Jambori no Ar está à porta.

Em 16 e 17 do próximo mês de Outubro, vai realizar-se, no mundo inteiro, esta actividade a que só um movimento grandioso, como é o Escotismo, podia dar tal dimensão e significado.

Os escoteiros portugueses também vão estar presentes. E não só os escoteiros, como também as nossas simpáticas guias.

E é até possível que as famosas componentes da Companhia Rainha Santa Isabel, do Porto, nos reservem uma surpresa, que será a de alcançarem, com a sua actuação, brilho ainda maior que o que conseguiram nos últimos anos.

Difícil é, mas não impossível. Porque tudo se pode esperar do valor e do entusiasmo das guias nortenhas e dos radiamadores que com elas cooperam.

E ainda atingirão maiores alturas que estas quatro guias daquela Companhia que vemos elevadas na antena de um dos emissores onde têm encontrado tão preciosa colaboração.



NÓS PREFERIMOS ESCREVER ESCOTEIRO

vocábulo escolhido pelos fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal

Seria talvez preferível grafar o substantivo português moderno ESCOTEIRO como os substantivos e adjectivos portugueses que nunca se escreveram com U.

Dr. José Pedro Machado

De vez em quando alguém levanta o problema de discutir se ESCOTEIRO se deve escrever com «O ou antes com «U». O assunto está completamente esclarecido. Talvez não se trate pròpriamente de uma questão ortográfica, mas antes da escolha entre duas palavras com significações distintas, embora se usem também para designar os membros do movimento de juventude fundado por B. P.

ESCOTEIRO é uma velha palavra portuguesa que encontramos registada em todos os dicionários, mesmo os mais antigos, é correntemente usada no norte do país e aparece em boas páginas de literatura portuguesa, particularmente na bela prosa de Mestre Aquilino. Esta palavra não se escreve com «u».

Na década de trinta, a associação Corpo Nacional de Scouts passou a designar-se de Escutas, abandonando o estranho Scout. Mas a designação Escoteiro tinha já entrado no uso público e o termo escuta não ganhou grande aceitação nem mesmo entre os membros desta associação, que se designam muitas vezes por escoteiros, mas escrevendo a palavra com «u» como derivada de escuta (espião). E foi por influência do C. N. E. que no Vocabulário Resumido da Academia das Ciências surgiu aquela conclusão peregrina: Escuteiro em Portugal; Escoteiro no Brasil. Os Brasileiros pronunciam escôteiro e, portanto, não poderiam grafar com «u». Se um dia a Academia publicar o prometido Vocabulário da Língua Portuguesa (não resumido, é claro) terá de registar o antigo vocábulo escoteiro.

Mas vejamos o que a este respeito escreveu, em Fevereiro de 1964, no «Diário de Lisboa», o distinto professor e mestre da Língua Portuguesa Sr. Dr. José Pedro Machado, uma insuspeita autoridade em questões de linguagem:

«Escoteiro» ou «Escuteiro»?

Antenor Nascentes, no seu *Dicionário de Dúvidas e Dificuldades do Idioma Nacional* (4.ª edição, Rio de Janeiro, 1962), escreveu: «*Boy-scout* — Diga-se *escoteiro*». A pronúncia brasileira corresponde (com ó, mais vezes com ô) a esta grafia, mas, no português europeu, quer *escoteiro* quer *escuteiro* pronunciam-se do mesmo modo.

O adjectivo português *escoteiro* também.

Nada tem que ver com *escote*, «contribuição», ou com *escoto*, «escocês», apesar do que dizem certos dicionários. Significa «sem bagagem», «leve», «rápido»: «...ficando os homens *escoteiros* e despejados para andar o caminho», Gaspar Correia, *Lendas da Índia* IV, p. 202: «As setias eram velozes e *escoteiras*», Camilo, *O Santo da Montanha*, cap. 32, 3.ª edição.

Seria de origem diversa o substantivo *escoteiro* pertencente à linguagem náutica, pois designou o marinheiro que coadjuvava o fiel da artilharia e estava encarregado do material que se guardava na *escoteira* por onde passavam as *escotas* dos navios veleiros.

A significação do adjectivo português lembraria o do substantivo inglês *scout* empregado para designar soldado avançado que corre o campo para saber o que faz o inimigo (em francês *éclaireur*), forçosamente sem bagagens e lépido.

Tudo isto ajuda a compreender o antigo emprego do vocábulo *corredor* em idêntica acepção.

Nascentes, na obra citada, traz: «*Scout* — Diga-se *vedeta*». Significaria talvez o mesmo que o antigo português *almogáber, almogáver, almogavre, almograve* (cf.: José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, s. v. almogáver*; idem, *Influência Arábica no Vocabulário Português*, s. v.) e o português *escuta* pois o «espia», na frente da luta não age carregado com bagagens. Quiçá de outro modo iria o *esculca*, «espia» internado em terra inimiga.

O inglês *scout* e o português *escuta* derivaram em épocas diferentes do francês antigo e médio *escoute*, «espia», «espião» (esta forma a mais vulgar no Brasil). O fr. antigo *escoute* é deverbal de *escouter* «escutar», port. ant. *ascoitar, ascuitar* este do lat. vulgar *ascultare*, equivalente do lat. clas. *auscultare* donde o port. moderno culto *auscultar*. *Ascutar* (na versão portuguesa da *Demanda do Santo Graal*, século XIV) deve ser galicismo.

Quanto ao *boy-scout*, membro da espécie de milícia educativa organizada por Baden-Powell, o seu nome (já em 1915 e durante dezenas de anos grafado *escoteiro* em Portugal) teria sido pronunciado à francesa e reconhecido no port. *escuta*, como ainda hoje aqui alguns o chamam. No Brasil, o *ou* de *scout* seria lido ô à portuguesa. A lembrança do já existente vocábulo português *escoteiro* fez eliminar *boy*, que permaneceu em francês (1910).

Seria talvez preferível grafar o substantivo português moderno *escoteiro* como os substantivos e adjectivos portugueses, que nunca se escreveram com *u*. Evitar-se-iam a lembrança de *escuta*, «espia», e mais uma desnecessária diferença da ortografia usada no Brasil.

Além disso, a pronúncia portuguesa não se lhe oporia, como a brasileira se opõe a *escuteiro*.

O Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa, aparecido em 1947 e coordenado por filólogos brasileiros e portugueses, segundo o acordo (não acatado além-Atlântico), regista: «*escuteiro*, s. m. No Brasil, *escoteiro*. — JOSÉ PEDRO MACHADO.

Fundo Mundial dos Selos

Selos postais oferecidos

Diversos amigos — escoteiros e amigos do escotismo — continuam a responder ao apelo feito, enviando bons lotes de selos usados para serem entregues ao Escotismo Mundial para auxílio ao escotismo de extensão e à expansão do movimento.

Ùltimamente foram recebidos selos dos amigos srs. Rui Canas Gaspar, em serviço militar no Ultramar; Eduardo Alves da Silva, de Luanda; António Chamusco, das Bermudas; José Manuel Mendes Marques, de Seia; e menina Isabel Maria Saragoça Ribeiro, de Lisboa.

Pedimos desculpa pela involuntária omissão de qualquer outro gentil ofertante.

EM CUCUJÃES

O Grupo n.º 18 dos Escoteiros de Portugal inaugurou a sua nova sede

Em Cucujães, Oliveira de Azeméis, foi inaugurada em 29 de Agosto passado a nova sede do Grupo n.º 18, fundado há cerca de três anos, instalada numa dependência da Misericórdia, cedida graciosamente pela benemérita instituição.

Ao acto in ugural, assistiram os srs. António Seabra, vereador da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, que representava o respectivo presidente; Arnaldo Eduardo Couto, chefe do núcleo de Gaia, várias autoridades, delegações de grupos de escoteiros do Norte e numeroso público.

As cerimónias iniciaram-se com o hasteamento das bandeiras nacional e do grupo. O sr. António Seabra procedeu ao corte simbólico da fita, depois do que os presentes visitaram as novas instalações, seguindo-se uma breve sessão solene, usando em primeiro lugar da palavra o Chefe do Grupo, sr. Mário Vieira Dias, que manifestou a sua gratidão à Misericórdia e a todos quantos contribuíram para que a sede fosse uma realidade, afirmando a sua esperança no progresso do Movimento em Cucujães. O chefe Arnaldo Couto, em nome da Associação dos Escoteiros de Portugal, expressou a sua gratidão à Misericórdia e às autoridades, tendo falado acerca dos objectivos educativos do Escotismo. A sessão foi encerrada pelo sr. António Seabra, que fez votos para que o movimento escotista, credor da maior simpatia de todos quantos se preocupam com a formação da juventude, se estendesse ràpidamente às dezanove freguesias do concelho.

Foi oferecido um beberete a todos os convidados, tendo a sessão terminado com a promessa de sete novos escoteiros, acto que foi presenciado com muito interesse.

DOS AÇORES

O Grupo n.º 52, de Angra do Heroísmo esteve no Faial

Dezoito escoteiros do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, dirigidos pelo Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, chegaram no dia 2 de Agosto passado ao Faial, para uma permanência de dez dias, onde realizaram um interessante programa de visitas de estudo e outras actividades, de que oportunamente daremos mais completa notícia.

O CAVALEIRO AMARELO

Continuação da pág. 1

verdadeiro e eficaz «anti-ópio». Dele me valho, partindo do princípio de a droga ser joio e a antidroga o trigo, como o são na parábola tão esclarecedora, lida em Mat. 13, 25.

Estarei insistindo em coisas ditas e reditas? Também muitos há que insistem na Poesia-aos-quadradinhos e na Prosa-das-palavras-mal-cruzadas!

Parecerá a alguém que «puxo para a direita» (esses serão os que «puxam para a esquerda») mas é erro duplo. Quem, como cristão, leva o jugo de Cristo (Mat. 11, 29) com Ele sulca a leiva recta, mesmo em frente, com os olhos na estrela guieira de magos e de pastores.

Não serei canhoto. Parece que Leonardo da Vinci o era. E que maravilhas produziu! E um crítico flamengo nosso amigo, isto é, dos Portugueses, o sr. Nojorkam, supõe ter descoberto, num cuidadoso exame das tábuas atribuídas a Nuno Gonçalves, este facto inaudito: quem quer que as haja pintado, Nuno ou outro, era canhoto também! Canhoto era o Dr. Afonso Costa, há pouco lembrado, no Centenário do seu nascimento. Em duelo (e uma vez, pelo menos, esgrimiu a valer) deveria ter sido adversário perigoso. Mas por mim prefiro o diálogo ao duelo, seja este de que espécie for. Os génios são excepção.

O canhoto que se faz escoteiro quererá ser ambidextro, não é assim?

Sejamo-lo no moral, usando ambas as mãos, imitando Alberto Dürer, que com suas mãos prodigiosas pintou as do amigo, que lavou pratos na estalagem, durante o tempo em que ele estudou, para ambos se sustentarem. Não sei que mãos mais admirar!

Como se vê, ao tratar de drogas, não quis referir-me sòmente aos venenos excitantes ou aos entorpecentes, colhidos na flora mundial, mas também aos venenos segregados pela fauna humana, não menos perigosos. A Natureza, o conjunto das coisas natas, fruto e semente duma Criação, o conjunto das coisas criadas, em constante evolução, oferece-nos meios de escolha, de uns e de outros, e incita-nos à luta para defesa própria. Bem haja o Criador, que não nos quer parados nem hesitantes. Mãos fora dos bolsos! Olhos abertos e erguidos! Vida é luta, ouso repeti-lo. Esse conjunto admirável de atracções, de perigos, de recompensas, oferece-nos o odor e o fétido: a peçonha e o antídoto; a macieza que agrada ao tacto e a escabrosidade que nos fere; o foco que cega e a claridade que elucida; o tumulto que ensurdece e «a voz dum suave silêncio», que deu a Elias um momento sublime (vede-o em 1.° Reis 19.12); o apreço saboroso duns morangos em nata e o ardor do palato numa «caldeirada» superpicante...

Ao escrever-se estas linhas está-se em plena euforia taurina. Ele é a corrida de gala em prol da Liga contra o cancro, ele é o certame a favor do Movimento Nacional Feminino, no Palácio de Cristal, que felizmente não é de cristal, senão... Se fôssemos capazes de dar, sem molestar, melhor seria à geração que se está formando. Assim mesmo no desporto. Li há dias uma referência jornalística a «futebol amigável». Pergunto ingènuamente: não o é sempre? Não sendo amigável, é desordem e não desporto. O «favoritismo» confessado e a rivalidade desordeira, a competição que se não baseie na cooperação, para lucro de todos, «promove». Mas não se diz a quê. Usa-se agora sem sentido a palavra «promoção». Promove o bem ou o mal?

Em suma: a toxicomania múltipla; o erotismo crescente e comercializado; o jogo de azar; o prazer de magoar, seja o ventre dum pombo ou o lombo dum touro; a corrida desenfreada pelas estradas e o «rally» suicida; a delação das vidas privadas, em especial das famosas; o colorido excessivamente gritante da arte de cartaz, inimiga do desenho; a droga que se injecta, que se fuma, que se bebe, que se inspira contra vontade quando o fumador se acerca ou quando o veículo passa de escape aberto; tudo enfim que provoca a febre das sensações exageradas, batuque sem nexo, «suspense» mórbido, é a Peste que acompanha a Fome e Guerra, na cavalgada fatal.

Mas note o leitor amigo que o remédio está à vista, e o bem vencerá por fim. Não esmoreçamos!

P. S. — Sucede agora que muito me comoveu, se não é que me indignou, a notícia da tragédia de Vilar Maior, da explosão das 600 dúzias de foguetes na Capela da Misericórdia destinados a festejar o Senhor dos Aflitos. Respeito as crenças de cada um, e as tradições de muitos, como devo; mas parece-me que há por aí barulho demasiado (e ainda se zomba nèsciamente dos turistas que o não suportam). Esses ruídos por vezes selvagens, vão-nos arruinando os tímpanos, segundo os especialistas da «otorrino»... Não seria melhor substituir isso pelas belas marchas das nossas já tradicionais filarmónicas, muitas delas tão agradáveis? Muito melhor que os «conjuntos», herdeiros directos das antigas «músicas infernais» do Carnaval alfacinha?

Creio que me não referira aos Zés-Pereiras do Norte e aos transistores tão recentes, cujos utentes, anchos pela prenda, os põem a funcionar ao máximo em lugares públicos. Não nos bastariam as trovoadas, os ciclones, e outros fenómenos naturais e inevitáveis? Tudo violência, estrondo, vertigem e sangue, busca das tais sensações fortes que no fundo são coices do «cavalo amarelo».

E. M.

XXXVIII Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do XXV aniversário da Estação de Melhoramento de Plantas.

A planta, amiga é do homem...
bem pouco por ela faz!
Todos os povos a comem
e a cura aos doentes traz.

Contudo, quando tratada,
desde o terreno às sementes,
logo em paga redobrada
ei-la a confortar as gentes!

Dá-nos nutrição no fruto,
e na flor dá-nos beleza;
no tronco rugoso e bruto
dá amparo e fortaleza.

Após trabalhos insanos
do mineiro sapador,
ao fim de dez milhões de anos
ainda nos dá calor!

A Ciência nos exorta,
num conselho bem sincero,
a honrar Garcia de Orta,
a seguir Félix Brotero.

Novo esforço se festeja
em que pomos esperança,
para que a planta seja
portadora de abastança.

EDUARDO MOREIRA

Uma senhora de Windsor, Ontário, no Canadá, há muito tempo que sentia um desejo enorme de escutar os carrilhões da igreja de Santa Maria de Banbury, na Inglaterra, próximo do local onde ela havia crescido.

Os escoteiros canadianos pediram então aos escoteiros de Banbury que gravassem o toque dos carrilhões de Santa Maria. E assim foi feito.

E a senhora Windsor teve, então, ensejo de realizar o grande sonho de escutar os sinos da sua terra... em sua própria casa!



PÁGINA DO ESCOTEIRO

FOGO!



Portugal é um país de grandes florestas. Uma terça parte da sua superfície está coberta por matas. Essas matas dão ocupação a muitos milhares de trabalhadores e representam uma parte importante da riqueza nacional.

Além disso, são inestimáveis as vantagens que as florestas oferecem, não só como agentes saneadores do ar e regularizadores dos fenómenos atmosféricos, mas também pela madeira e pelos frutos que produzem, pela beleza que encerram e tantos, tantos outros benefícios.

Portanto:

Defender do fogo a FLORESTA exige o CUIDADO e a COOPERAÇÃO de todos os portugueses, de toda a gente, para continuarmos a receber as suas vantagens.

A FLORESTA é digna da nossa estima.

A FLORESTA é uma riqueza que leva dezenas de anos a criar!

Porém. .

... uma fogueira mal apagada...

... um foguete de romaria mal queimado...

... um cigarro aceso que se lança fora... podem destruir, em pouco tempo, essa enorme riqueza.

Substâncias que podem ser perigosas



Todos nós, em nossas casas, temos alguns desinfectantes, líquidos combustíveis, quer em frascos, quer em latas

É frequente nas nossas pequenas farmácias de curativos ver-se um frasco com água oxigenada ao pé doutro com álcool, sem saber que podemos originar uma explosão num dia bastante quente, ou quando fizermos lume, sem nos lembrarmos que eles estão próximos.

Num breve resumo, indicaremos algumas substâncias que se devem separar:

— o ácido sulfúrico não deve estar junto com cloratos, percloratos, permanganatos, dicromatos, etc.

— a água oxigenada deve estar longe do álcool. sulfureto de carbono, glicerina, gasolina, querosone (petróleo de iluminação), etc.

— o ácido nítrico deve estar separado do ácido acético, ácido crómico e de certos vapores inflamáveis de características redutoras.

— o amoníaco deve estar separado do ácido clorídrico, etc..

Em conclusão: devemos ter cuidado, não só no sítio onde guardamos estas substâncias, longe de possíveis tentações das crianças, mas saber, igualmente, que algumas devem ser colocadas em zonas diferentes, isto para evitar uma possível explosão ou incêndio. — C. P. S.

Queimadura química dos olhos



A queimadura dos olhos por agentes químicos, ácidos, soda, detergentes, etc., pode produzir consequências desastrosas. Há, entretanto, uma providência simples, mas muito importante para minorar esses efeitos: é o uso de água em abundância, aplicada sobre a vista, imediatamente depois da queimadura, no próprio lugar da ocorrência, antes mesmo do acidentado ir à enfermaria ou ao médico.

Basta que exista água limpa num bebedouro de água, numa tina, numa torneira ou até num balde.

A aplicação deve ser feita, como for possível, no local, visando apenas à remoção imediata do cáustico. A água, em grande quantidade, terá por efeito apenas retirar o agente nocivo. Antigamente, procurava-se um líquido especial para neutralizar o agente da queimadura. Hoje, prefere-se simplesmente removê-lo com água.

Depois dessa medida de emergência, feita em poucos minutos no próprio local, o paciente irá à enfermaria ou ao posto de socorros. Aí, novas aplicações de água (ou de soro), por mais 15 ou 20 minutos, completarão o cuidado inicial. Um líquido anestésico também ajudará o tratamento posterior, que já caberá ao oculista fazer.

Num camião-tanque de transporte de ácido ou doutros líquidos corrosivos, deverá sempre haver um frasco (de matéria plástica, por exemplo), com água limpa, para uma emergência no caso de queimadura química dos olhos. — C. P. S.

PATRULHAS DE ESCOTEIROS SURDOS-MUDOS

A primeira entrevista de «Sempre Pronto» a um escoteiro surdo-mudo

Estivemos no Instituto de Jacob Rodrigues, onde funciona uma secção do Grupo 2 dos Escoteiros de Portugal, ùnicamente composta por escoteiros surdos-mudos.

Trabalho interessante ali se está desenvolvendo e os resultados obtidos são prometedores.

O chefe Madeira Leitão indicou-nos um escoteiro que, apesar de surdo-mudo, já consegue articular palavras e responde a perguntas, entendendo-nos, claro está, pelo mexer dos lábios.

Tivemos com ele sucinta conversa. Não foi difícil, muito embora nos mostrássemos algo embaraçados. O resultado foi positivo de tal maneira que julgámos estar enganados e que na nossa frente tivéssemos um rapaz de bom



ouvido e dicção. Por isso, sub-repticiamente fizemos uma pergunta, tendo voltado a face para o lado. Não obtivemos resposta, embora repetíssemos a operação. Realmente, só quando o olhamos de frente o rapaz nos pode responder.

P. — Como te chamas?
R.— Armindo Manuel da Costa.

Devemos esclarecer que falámos normalmente, mas o Armindo respondeu-nos sempre de um modo pausado.

P. — Gostas de ser escoteiro?
R. — Gosto!

P. — Há quanto tempo és escoteiro?
R. — Dois anos (nesta resposta, a palavra veio acompanhada do gesto da linguagem muda).

P. — Quantos anos tens?
R. — 14 anos.

P. — A que patrulha pertences?
R. — À patrulha Tigre.

Como se compreende, as frases têm de ser breves ou, então, teríamos de perguntar em linguagem de mãos, que não conhecemos.

P. — Quantos escoteiros tem a tua patrulha?
R. — Cinco.

P. — Que gostas de fazer no escotismo?
R. — Reuniões.

P. — Que livro escoteiro já leste?
R. — B.-P. «Escotismo para Rapazes».

P. — Fizeste algum acampamento?
R. — Sim, aqui neste sítio.

P. — De que gostaste mais do acampamento?
R. — Fogo do conselho.

P. — Qual a tua missão no acampamento?
R. — Fogueira *(estar sempre à)*.

P. — Que fizeram para o almoço?
R. — Bacalhau à Gomes de Sá *(tudo bem pronunciado)*.

P. — Quem fez o almoço?
R. — Todos cozinharam.

P. — Quem lavou o caldeiro?
R. — Eu *(gesto mudo)* com ervas e terra.

P. — Que gostarias de fazer de agora em diante?

R. — Gostava de fazer acampamentos com escoteiros doutros grupos.

Terminámos a conversa, que aliás foi interessante, dado que muitos companheiros que ali estavam presentes tentavam responder-nos e até ajudaram o Armindo a dar a resposta. Foi um momento agradável que ali passámos.

Sempre Pronto faz votos por que este trabalho, tão útil, decorra com perseverança e entusiasmo, porque dele só beneficiarão os rapazes, aliás como em todo o escotismo.

A. I.

Enrique Genovés

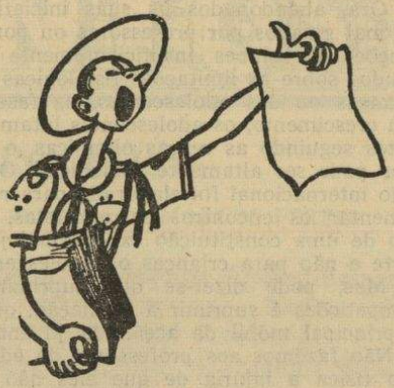
Tivemos recentemente o prazer de abraçar este nosso velho amigo e antigo colaborador de «Sempre Pronto», dedicado chefe escoteiro nacional dos «Exploradores de Espanha», com quem tivemos ocasião de trocar impressões sobre o Movimento, particularmente acerca do Escotismo no país vizinho, que continua numa actividade regular e com promessas de desenvolvimento.

Enrique Genovés, apesar de muito absorvido pelas suas responsabilidades escoteiras, prometeu-nos que, sempre que lhe fosse possível, procuraria dar alguma colaboração ao nosso jornal.

O activo dirigente escoteiro encontrava-se em véspera de partida para Santiago de Compostela, onde ia participar com escoteiros de toda a Espanha e representações de Portugal na romagem realizada em Julho naquela cidade, actividade a que a Rádio Nacional de Espanha fez larga referência, registando a presença do chefe escoteiro nacional, o que prova a aceitação que o Movimento tem presentemente naquele país.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS 200 ASSINANTES!



A nossa Campanha para mais 200 novas assinaturas vai avançando e, embora não seja com aquela rapidez que desejaríamos, os resultados são seguros. A acrescentar às 44 assinaturas já registadas, temos hoje o prazer de citar mais as seguintes: Srs. Dr. Augusto Roque Medina da Silva, proposto pelo Grupo n.º 2: António Jorge da Silva Gonçalves; António Manuel Constante de Oliveira, António Alberto Ramos e Sousa, e António dos Santos Oliveira, propostos pelo Sr. José António F. Marques, do Grupo 23, de Queluz, e ainda o Sr. Jorge Agostinho Correia, proposto pelo Sr. José Ferreira da Silva. A todos estes nossos amigos — propostos e proponentes — agradecemos a colaboração. Atingimos, portanto, 50 novas assinaturas. Quarta parte da Campanha!

Entretanto, além dos Grupos de Escoteiros que estão já cooperando nesta iniciativa, outros estão já angariando assinaturas entre os pais dos seus escoteiros e antigos membros do Movimento. Se este trabalho se desenvolver estamos certos de que o alvo será em breve atingido.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Tiveram a gentileza de nos enviar a importância de suas assinaturas os seguintes dedicados amigos: Srs. Rui da Silva Paulo, patrocinador, e Jorge Agostinho Correia, ambos de Lisboa; e José Alberto Teixeira Cerqueira, do Porto. Agradecemos.



Acampamento de confraternização

Em 24 e 25 de Julho passado, realizou-se nos arredores de Olhão um acampamento de fim-de-semana no qual estiveram presentes os grupos n.os 6, de Olhão, 60, de Vila Real de Santo António e 77, de Faro. Realizaram-se diversos exercícios e promoveu-se um interessante concurso interpatrulhas, tendo-se classificado em 1.º lugar a Patrulha Águia, em 2.º a Patrulha Galo, ambas do Grupo 6.

O acampamento foi dirigido pelo sr. Manuel José Martins, subchefe do Grupo 77, tendo comparecido o Delegado Regional chefe João Lobo Miranda Trigueiros e o chefe Mário José Martins do Grupo 77.

Na festa de campo foram feitas esperançosas afirmações acerca do trabalho e progresso do Escotismo no Algarve, ficando assente que se realizariam ainda este Verão dois acampamentos, sendo um em Faro e outro em Vila Real. — C.

Escotismo em Carcavelos

Em Maio passado, demos a notícia de que o Grupo n.º 16 de Carcavelos ia ser patrocinado pela Associação Cristã da Mocidade e instalaria a sua sede num departamento que esta instituição ia criar naquela vila, pela cedência das instalações do Seminário Teológico Presbiteriano.

Parece que a referida notícia nos foi trazida prematuramente, porquanto as negociações para a cedência da referida sede à A. C. M. não estavam ainda ultimadas e, entretanto, surgiram dificuldades que não foram removidas.

Do facto, pedimos desculpa aos nossos estimados leitores.

Nova Direcção

O Grupo n.º 16 tem nova direcção presidida pelo Rev. Padre Aleixo Cordeiro, tendo como secretário o sr. Wolfgang Karl, e vogais os srs. José Eduardo Pena Ribeiro e Alexandre William Gilman, representando os pais dos escoteiros.

Para a sede do Grupo, surgiram novas perspectivas, havendo a promessa de oferta de um terreno para construção da sede.

Amigos em toda a parte

O escoteiro brasileiro Francisco de Assis Costa Xavier, residente na rua Teresa Cristina, 49 — Fortaleza, Ceará, Brasil, deseja corresponder-se com escoteiros portugueses para troca de impressões e de ideias sobre o Movimento.

Quem responde ao convite do nosso irmão brasileiro?



Insígnia de madeira

Em Barcelona, realiza-se este mês um curso de chefes

O sr. Eng.º José M. Nobre Santos, acompanhado pelos dirigentes srs. Mário Luzano Pereira Leite e Armando Morais, parte este mês para Barcelona, onde vai participar num campo-escola de chefes — «Insígnia de Madeira» — que ali se realiza e será dirigido por uma equipa de que fazem parte os srs. Eng.º Salvador Fernandez, da Repartição Mundial; Eng.º Nobre Santos, Chefe do Campo-Escola da A. E. P. (D. C. C.); Dr. Manuel de Faria, Chefe do Campo-Escola do C. N. E. (D. C. C.), Enrique Genovés, Chefe Nacional de Espanha e possìvelmente outros dirigentes, cujos nomes não chegaram ainda ao nosso conhecimento.

Participarão neste curso elementos escoteiros de diversos pontos de Espanha e de Portugal, procurando valorizar o escotismo peninsular numa orientação actual e renovadora.

OS SERES MAIS INTELIGENTES SÃO OS MAIS CAPAZES DE ENGANAR

ANATOLE FRANCE

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Estudo sobre os exercícios físicos e os desportos e a sua influência sobre a saúde física e psíquica

(Da excelente revista «Estudos», de que é director o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, grande amigo dos escoteiros, presidente do Tribunal de Honra da AEP e Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, transcrevemos, com a devida vénia, este valioso trabalho).

Conduta a ter para evitar a sobrefadiga das crianças e dos adolescentes

A maior parte dos acidentes ou incidentes provêm de se submeterem, aos mesmos exercícios físicos, crianças sem terem sido examinadas sobre sua constituição, com caixas torácicas apertadas, de massas musculares lombares sem se avaliar o seu desenvolvimento, de rins de que se ignora o funcionamento, com sistemas nervosos de que as reacções são desconhecidas...

A fadiga, não é a mesma para todos...

A observação da fisiologia das crianças e dos adolescentes, que praticam os desportos, é uma necessidade. Quantas vezes, ao recorrer ao médico estes verificam as desordens provocadas por exercícios físicos imprudentemente praticados!

Recentemente, em França, vários grupos de crianças deviam partir de locais variados para se juntarem em um lugar determinado. Tratava-se de chegar, não sòmente à hora marcada, mas de chegar tão cedo quanto possível.

Os grupos eram compostos por crianças de idades diversas; os mais pequenos tinham 7 anos e os maiores, de 14 a 15; o mais velho de cada grupo, tomaria o comando. Todos partiram para atingirem o fim, os mais pequenos seguindo os grandes e estes arrastando os pequenos, animando-os a marchar, para não atrasarem o grupo e chegaram em primeiro lugar.

O espírito de emulação decuplicou a energia de todos; não havia retardatários; todo o grupo chegou ao mesmo tempo; mas à noite, depois de volta a casa, alguns pais, inquietos chamaram o médico que observou febre de «surménage» nos mais pequenos.

Sobre que base se deve estabelecer a classificação fisiológica que reclamamos? — Sobre a idade? não. A criança e o adolescente têm idades cronológicas, que não estão sempre em relação com as idades fisiológicas.

Para agrupar as crianças com o mesmo valor, convém mais basear-se sobre o peso, a capacidade espirométrica, a estrutura, a força muscular, avaliada pelo dinamómetro, a conformação muscular geral e a semelhança das reacções psicomotoras. O exame médico do coração, dos pulmões e dos antecedentes patológicos das crianças, devem entrar igualmente como elementos para a classificação dos grupos.

Graças a estas precauções, já muitos professores, em vários países, agrupam os alunos em grupos diversos. A maior parte das causas que têm a sua origem na «surménage» ficarão assim suprimidas, ou pelo menos, serão muito menos frequentes.

Não se deve ter a preocupação dos códigos olímpicos internacionais para as aplicar rigorosamente nos adolescentes — No intuito de respeitar as regras, há a tendência para, nas competições em que entrem os adolescentes, marcar as corridas, de 100, 400, 800 e 1500 metros e as maratonas de 5, 10 e 42 quilómetros; da mesma forma estão estabelecidas as dimensões dos saltos, lançamentos e das restantes provas desportivas.

Ora, abandonados às suas iniciativas, ou mal guiados por professores ou por direcções de clubes insuficientemente instruídos sobre as limitações fisiológicas das crianças ou dos adolescentes, na fase do seu crescimento, os adolescentes lutam por vezes seguindo as regras olímpicas, o que lhes pode ser altamente prejudicial. O código internacional foi elaborado para regulamentar os encontros entre atletas, que são de uma constituição excepcionalmente forte e não para crianças ou adolescentes.

Mas, pode dizer-se que suprimir as competições é suprimir a emulação, que é o principal móbil da acção da juventude. — Não fazemos aos professores de educação física a injúria de que eles não são capazes de imaginar para os seus alunos, outras competições, que estejam dentro do que convém às suas idades; referimo-nos às pessoas que não foram suficientemente instruídas, como alguns dirigentes de clubes ou de organizações em que entrem jovens, que só conhecem as vantagens, mas não as desvantagens dos exercícios, antes de serem adultos.

É conveniente que os adolescentes corram, mas com interrupções suficientes para descansarem, para o coração se normalizar do esforço que se lhes pediu e para impedir a fadiga.

A educação física, principalmente no período da puberdade, tem de ter medida; os exercícios devem ser exactamente proporcionados às forças do que os pratica, para não fatigar, nem o coração nem as articulações. É necessário não só ter em conta o gesto, o estilo e os lados desportivo e teatral do exercício ginástico; o bom senso exige que se tenha em conta, acima de tudo, os efeitos fisiológicos dos movimentos.

Os perigos dos exageros em educação física são grandes, especialmente na infância e puberdade. A fisiologia normal e patológica do coração, domina toda a observação médica de uma pessoa sujeita a esforços musculares; o coração traduz de uma maneira evidente e quase imediata os efeitos dos exercícios, tanto os salutares como os nefastos. No caso de exagero, o coração poder bater tão depressa que a pulsação se torne incontável; a respiração, muito acelerada, perdeu toda a regularidade e amplitude possível; fica entrecortada, com alterações bruscas, que atestam a sobreexcitação dos centros nervosos predispostos ao comando da respiração.

Aplaudir nos estádios as «proezas» dos adolescentes é aplaudir um erro fisiológico; estes erros provocam acidentes de saúde que atrasam a confiança, ainda tímida dos pais e acabarão por comprometer os resultados que já se tinham obtido com a educação física.

(continua)

O XIV JAMBORI NO AR

Consinuação da pág. 8

das de 20 e 15 metros são as melhores e o horário mais adequado é o das 12 às 20 horas para Portugal e Províncias Ultramarinas.

«Estamos a preparar um certificado especial que enviaremos a qualquer estação ou grupo que contacte com Mafeking (ZS6 JAM) e com uma estação de cada uma das seguintes divisões escotistas sul-africanas: Cabo Western, Cabo Midlands, Natal, Central, Transval, Sudoeste Africano e Transval do Norte.»



DOMINAR ou CONDUZIR?

«Li o último número de «S. P.» — todo, como sempre. Notei uma coisa, que não sei se está bem. Na entrevista tão bem dirigida por seu irmão, Madeira Leitão, cujo simpático dinamismo tive já ocasião de apreciar, fala de o guia dominar os rapazes. Estará bem escolhido o verbo? Como vê, leio!»

N. da R. — De facto, a observação do nosso dedicado leitor, cujo nome não citamos sòmente por a carta não nos ter sido enviada para publicação, parece-nos muito criteriosa. *Dominar* não seria o verbo indicado, cujo emprego se releva numa conversa. Quanto a nós, poderia ter sido usado antes o verbo *conduzir*. É esse o trabalho do Guia, implícito até no seu próprio título. Poderíamos ainda dizer *guiar, orientar.*



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

A lição do Jambori...

É necessário viver esses grandes Jamboris, olhar esses campos onde se juntam rapazes de todas as raças, nacionalidades e opiniões, para bem se compreender como esses escoteiros fazem a surprendente descoberta da sua unidade humana, filhos do mesmo Deus, apesar da diferente cor das suas epidermes; como aprendem a conhecer-se e a estimar-se por cima de todas as barreiras. E ainda mesmo quando a linguagem parece separá-los irremediàvelmente e a falta de um idioma mùtuamente conhecido parece constituir obstáculo intransponível, vemos surgir um sorriso, um abraço que vem selar uma amizade que não precisa de palavras para se expressar porque vive nas almas, é espontânea e sincera.

.....

Alegra-nos esta vitalidade do Escotismo, não por ser êxito de um Movimento educativo ou de opinião, mas porque significa a vitória dos princípios humanos e cristãos sobre a barbárie, porque como escrevíamos em 1945, «representa a vitória do Espírito sobre a Matéria, do Bem sobre o Mal». Apesar de todos os esforços para suprimir do Mundo o espírito do Cristianismo, este subsiste iluminando a humanidade e o mandamento do doce Rabi: — *Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo* —, base da doutrina Escotista e súmula da Promessa, continua arvorado como único estandarte capaz de conduzir os homens à Concórdia e à Paz Universal.



A FUGA DA «MENINA ELISA»

UM CONTO DE MARCOS FERRO

A «Menina Elisa» entrou na minha casa pela porta principal e saiu ou, melhor, fugiu pela varanda...

Eu conto: ofereceram ao meu miúdo uma canária. Como não tinha nome, reunimo-nos para arranjar um e foi o meu filho que indicou o de «Menina Elisa», que foi imediatamente aprovado.

Pois que fazia a «Menina Elisa» durante o mês que esteve retida na minha residência? Cantar não cantava, isso não!

De manhã, muito cedo, como era muito limpa, fazia as suas abluções, ficando muito limpinha, muito amarelinha.

Depois, dava uns «shows» extraordinários: fazia habilidades no baloiço, dignas de uma trapezista do Circo de Moscovo. Batia com o bico nos arames da gaiola, produzindo um som que nos deixava encantados.

Na hora da comida, atirava-se à bruta à alpista, salpicando a parede toda.

Comecei a perceber que todas estas «loucuras» eram praticadas por ser uma contestatária. Revoltada por estar presa, procurava a melhor maneira de manifestar a sua discordância com o cativeiro.

Na limpeza da gaiola, ela ficava sempre a um canto, com um olhar de ódio, a ruminar qualquer tramóia.

Sentia-me um carrasco quando passava ao pé da «Menina Elisa» e a minha vontade era libertá-la. Ela percebia que estava comprometido e, quando me via, voltava-me as costas, desprezando-me completamente. Outras vezes, ao aproximar-me, atirava-se contra a gaiola, como quem diz: «*Eu não tenho medo de ti!*».

Chegou finalmente o dia da sua fuga. A gaiola foi limpa na varanda.

A «Menina Elisa» estava triste, sem vontade para nada. No seu cérebro, devia ter gravado o golpe que a levaria à libertação. Todos os pormenores estavam estudados. A sua imobilidade preocupava a minha mulher. No entanto, eu observava a vivacidade do seu olhar. A saída da gaiola era o seu alvo. Nem a minha presença detestável a apoquentava. A sua preocupação era a porta, nada a distraía. Numa altura em que a porta ficou entreaberta, a «Menina Elisa», desapareceu como por encanto. Nem se sabe explicar como tudo aconteceu.

Fiquei satisfeito. A «Menina Elisa» tinha conseguido o seu objectivo...



11.º ACAMPAMENTO

De 21 a 29 de Agosto passado, decorreu no Parque de Escotismo da Caparica o 11.º Acampamento dos Antigos, no qual participaram diversos antigos escoteiros e suas famílias, que tiveram oportunidade de confraternizar e fruir do agradável ambiente daquele parque.

No domingo, dia 22, realizou-se um almoço de confraternização, em que estiveram presentes diversos antigos escoteiros, e os srs. Manuel Lopes Peixoto, que representava a Direcção da A. E. P., e Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente da Direcção da Fraternal.

No sábado, dia 28, efectuou-se o tradicional fogo de conselho em que participaram os Grupos n.os 8, 9, 19, 23, 79 e Agrupamento de Almada do C. N. E.

No domingo à tarde, ao arrear das bandeiras, os escoteiros e antigos escoteiros foram saudados pelo Director do «Sempre Pronto», pelo Chefe de Campo sr. Eduardo Xavier e pelos dirigentes da Junta Regional de Lisboa do C. N. E., srs. Velez da Costa, chefe regional, e Armando Dilão, tesoureiro.

O dirigente escoteiro sr. Adelino Costa, da Azambuja, enviou um telegrama de saudações, e o antigo escoteiro sr. Sebastião Gonçalves da Silva, radicado nos Estados Unidos e de passagem em Lisboa, enviou igualmente um abraço para todos os presentes.

O chefe do Parque de Escotismo foi condecorado pelo Corpo Nacional de Escutas

No encerramento, o Chefe Regional do C. N. E., sr. Velez da Costa, usou da palavra para informar que a Junta Central do Corpo Nacional de Escutas, por proposta da Junta Regional de Lisboa, tinha deliberado galardoar o Chefe Eduardo Xavier com a medalha «Cruz de Agradecimento — bronze», em reconhecimento da colaboração dispensada aos escutas que tem acolhido no Parque de Escotismo da Caparica. O Chefe Xavier, sensibilizado, agradeceu a homenagem e afirmou que se encontrava naquele lugar para servir todos os Escoteiros, fossem da A. E. P. ou do C. N. E.



O VII Festival de Natação

Do sr. Luís Mário Saraiva, chefe do Grupo n.º 79 dos Escoteiros de Portugal, recebemos um ofício com data de 28 de Agosto passado, na qual afirma que se encontram erradas as classificações que publicámos no número de Julho com referência àquele festival, pedindo-nos para que seja feita a devida rectificação.

Não nos diz, no entanto, em que consiste a sua discordância, informando-nos que deu essa informação ao «Núcleo A» de Lisboa. Estamos, desta forma, impossibilitados de fazer a rectificação solicitada, mas aguardamos melhor esclarecimento.

Do Entroncamento

Os lobitos do Grupo n.º 84 foram acampar

No fim de semana de 31 de Julho e 1 de Agosto passados, o Grupo n.º 84 promoveu um acampamento, inteiramente dedicado à divisão lobito e das avezinhas, mas as patrulhas do Grupo compareceram também na sua máxima força.

No domingo, prestaram compromisso de honra as aquelás Maria de Lurdes G. Matos e Maria Elizabete.

O Sr. José Duarte Coelho, presidente do Grupo, ofereceu um almoço de confraternização a todos os acampados. Ainda neste dia, o Grupo participou num convívio paroquial que se realizou no Parque de Campismo desta vila, tendo sido muito apreciada a presença dos escoteiros.

Alguns escoteiros continuaram acampados até terça-feira. — *V. J. A. Vergamota.*

«RUMO»

Esta interessante publicação, editada pelo 300.º Agrupamento do CNE, da Paróquia de Nossa Senhora do Calvário, da cidade do Porto, continua a revelar notável vitalidade. Recebemos agora o n.º 2 e mais uma vez admirámos o excelente aspecto gráfico, apesar de se tratar de uma publicação tirada ao duplicador, apenas com algumas páginas impressas.

Os artigos publicados revelam o mesmo interesse de que já demos conta no respeitante ao número inicial. Publica ainda reportagens que dizem bem do entusiasmo e competência dos seus jovens colaboradores.

Sempre Pronto agradece penhorado as amáveis referências à Exposição da Imprensa Escotista Mundial que se efectuou no Porto, cujo êxito também se ficou a dever ao espírito de fraternidade e qualidades de trabalho dos escutas do Norte, entre os quais se contam os rapazes do Agrupamento 300.º.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Em 16 e 17 de Outubro

O XIV JAMBORI NO AR

Aproxima-se a data em que os escoteiros portugueses vão ter, mais uma vez, a oportunidade de participar numa realização escotista à escala mundial, onde, aliás, têm marcado boa presença nos últimos anos.

Efectivamente, nos dias 16 e 17 do próximo mês de Outubro (sábado e domingo), vai realizar-se o XIV Jambori no Ar, uma actividade que ocupa lugar de relevo no calendário escotista mundial.

Irão os escoteiros portugueses corresponder este ano ao excelente comportamento anterior? é uma pergunta que se nos oferece fazer, agora que se aproxima o momento de serem postos à prova.

Tudo tem sido preparado para que o nível da nossa participação não seja afectado. Todos os esforços foram empregados na organização desta actividade, a fim de que os resultados não desmereçam dos últimos anos, mas até para que sejam superiores.

Se não houver qualquer dificuldade imprevista, a que os empreendimentos deste género estão sempre sujeitos, estamos convencidos de que o trabalho dos escoteiros portugueses vai honrar, uma vez mais, o nosso país.

Quem poderá operar nas Estações?

Os Serviços Radioeléctricos dos CTT já autorizaram a colaboração das estações emissoras no XIV Jambori no Ar, autorização que, está, contudo, sujeita aos seguintes condicionamentos:

— A estação deve ser operada por quem possua carta de operador amador;

— Que os assuntos versados não se afastem dos autorizados à estação emissora de amador.

A Estação da Secretaria Mundial do Escotismo mais uma vez em acção

HB9S é o indicativo da estação privativa da Secretaria Mundial que, pela segunda vez, vai operar durante todo o período de realização do JOTA que, como já dissemos, este ano abrange um lapso de tempo superior às 48 horas dos anos anteriores.

Apesar de não termos ainda confirmação, é de esperar que esta operação opere nas seguintes frequências:

Banda	CW	SSB
80/75 metros	3.590	3.740
40	7.030	7.090
20	14.090	14.290
15	21.140	21.360
10	28.190	28.990

Estas frequências não podem, porém, ser utilizadas senão como frequências de chamada, isto é, para os primeiros contactos, após os quais as estações devem afastar-se (QSY) para continuar as suas conversações.

Distintivos

O Organizador Nacional já recebeu um exemplar do distintivo lançado pela Secretaria Mundial que se destina a ser usado pelos escoteiros participantes do JOTA. Estão a ser feitas as necessárias diligências para que sejam postos à venda no mais curto prazo de tempo e a um preço bastante acessível.

Os Concursos promovidos pela Organização Nacional

Como oportunamente demos a conhecer aos interessados, a Organização Nacional levou a efeito dois concursos de desenho. Até agora, registaram-se os seguintes concorrentes:

Concurso de Desenhos JOTA-71: um elemento do Grupo 24 AEP, em serviço militar na Guiné; um elemento do Agrupamento de Setúbal do CNE, também em serviço militar na Guiné; um elemento do Grupo do Dondo da AEP; e um elemento do Grupo 23 da AEP.

Concurso de Desenhos JOTA-72: receberam-se dois sobrescritos enviados por elementos do Grupo do Dondo da AEP.

Carimbos comemorativos

Na Metrópole, funcionarão os seguintes postos dos CTT no dia 16:

Em Lisboa: Organização Nacional do JOTA, nos Serviços Centrais, Cais do Sodré;

No Porto: Núcleo do Porto dos Escoteiros de Portugal, na Rua do Barão de S. Cosme, 223;

Nos Açores: Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, na Rua do Chafariz Velho, 8, em Angra do Heroísmo, Terceira.

Em Lisboa, estará em exposição diverso material aeronáutico facultado por algumas companhias de aviação e aparelhagem de amador de TSF postos à disposição pela Sociedade Geloso.

Continua a aguardar-se dos respectivos serviços autorização para o funcionamento de postos dos CTT em Luanda e no Dondo (Moçambique), autorização que se julga seja concedida.

Para todos os carimbos, foram editados sobrescritos alusivos a este acontecimento, os quais poderão ser requisitados nos próprios locais ou pedidos à Organização Nacional (Escoteiros de Portugal, Cais do Sodré, Lisboa-2), ao preço de 3$00 cada, devendo acrescentar-se a importância do selo que se pretenda. Para os participantes, custará apenas 1$50, também sem selo. Neste caso, só serão remetidos juntamente com o cartão de participante.

Os escoteiros da África do Sul querem contactar com os portugueses

A. H. Ritchie, organizador nacional da União da África do Sul, enviou ao nosso Organizador Nacional a seguinte mensagem:

«*Nós, os sul-africanos, estamos ansiosos por estabelecer contacto com os escoteiros portugueses. Infelizmente há muitas estações que operam junto das frequências recomendadas, do que resulta um QRM que torna impossível o contacto. As ban-*

Continua na pág. 6

DE MÊS PARA MÊS

FALTA DE ESCOTEIROS-CHEFES



A actual crise da juventude, problema que nasce no período da adolescência, tem servido para chamar a atenção para a importância de que se reveste a educação da gente nova. Este facto desperta maior interesse pelo Escotismo, no reconhecimento do seu relevante valor na formação da personalidade e preparação para a vida. Têm, por isso, surgido em diversos pontos do país comissões de pais, de professores e de outras pessoas, que se mostram muito interessadas em organizar grupos de escoteiros, oferecendo sede, patrocínio, pedindo apenas que lhes seja dado escoteiro-chefe capaz de orientar o novo agrupamento. Mas aqui reside a grande dificuldade que impede que os benefícios do Escotismo sejam alargados a um maior número de rapazes de Portugal.

As exigências da vida impedem uns tantos de oferecer o seu concurso, mas outros mais favorecidos, que bem podiam devotar-se a tão útil obra, são incapazes de prestar um serviço de que não resulte qualquer remuneração. Que longe estamos do tempo em que tanta coisa se fazia por amor, por voluntariado. Se para jogar futebol se exige remuneração avultada, o sistema fez escola e vão-se extinguindo todos os amadorismos.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00